

An abstract graphic featuring a light blue background with a subtle, larger-scale pattern of the same colors. Overlaid on this are several hand-drawn style elements: black lines of varying thicknesses connecting small black dots and larger, textured circles in shades of teal, orange, yellow, and dark blue. The word "MIRAD" is prominently displayed in the lower right quadrant in a large, bold, white, sans-serif font.

MIRADAS

São Paulo, 2019





Sumário

O GRUPO DE PESQUISADORES: _____ 8

CAPÍTULO 1 _____ 12
IMPULSOS PARA UM CAMINHO
DE OBSERVAÇÃO

CAPÍTULO 2 _____ 20
RECONHECER
O ENCONTRO

CAPÍTULO 3 _____ 30
PASSOS...

CAPÍTULO 4 _____ 42
VER O PROCESSO VIVO...

CAPÍTULO 5 _____ 54
O CAMINHAR...



Para começar...

Durante o ano de 2018, o programa Território do Brincar, em parceria com o Alana, formou um grupo de pesquisa sobre a brincadeira espontânea de crianças em diferentes contextos.

Coordenado por Sandra Eckschmidt e Renata Meirelles, cada pesquisador esteve envolvido com um grupo de crianças, observando e registrando gestos, narrativas e paisagens do brincar livre.

Em encontros mensais, esse grupo experienciou e estudou de forma viva o olhar da fenomenologia. Nas próximas páginas, você encontra relatos e reflexões do processo de investigação, que retratam de maneira tão ativa e viva quanto foi realizado.



O GRUPO DE PESQUISADORES:

BEATRIZ OLIVAL é educadora e psicóloga. Possui especialização em educação ao ar livre pela Schumacher College e formação em líder de Escolas da Floresta, ambos os estudos na Inglaterra. Participou como produtora de campo do programa Território do Brincar nas regiões do Maranhão e do Rio Grande do Sul e é cocriadora do projeto Brincreto em São Paulo. **Beatriz realizou sua pesquisa de observação em espaços públicos com um grupo de meninas.**

ELISA HORNETT é educadora e pesquisadora da infância. Mestra em ciências holísticas pelo Schumacher College, na Inglaterra, segue envolvida como membro da Schumacher Worldwide Community for Research in Practice. Interessa-se pelo estudo da fenomenologia, num olhar dinâmico para as crianças. **Elisa Hornett realizou sua pesquisa de observação na Unidade de Educação Infantil do Colégio Viver (SP).**

GABRIEL LIMAVERDE é educador e pesquisador das infâncias. Em Moçambique, onde viveu por mais de dez anos, trabalhou como professor, diretor de escola e artista de experiências de aprendizado. É formado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), possui especialização em educação inclusiva e gestão das diferenças pelo Instituto Singularidades, mestrado em ética aplicada pelas universidades Linkoping e NTNU, e mestrado em educação internacional pela Suny Buffalo. Desenvolve percursos formativos para crianças e adultos. **Gabriel Limaverde realizou sua pesquisa de observação na EMEI Gabriel Prestes (SP).**

REINALDO NASCIMENTO é terapeuta social e educador físico. Como integrante da equipe internacional da Pedagogia de Emergência, coordenou ações em diversos locais, como Quênia, em 2012; Faixa de Gaza, em 2014, Curdistão-Iraque, de 2014 a 2017; Estados Unidos, em 2018; e Brumadinho/MG e Moçambique, em 2019. Trabalha na formação de professores e educadores no Brasil, na Suíça, na Alemanha, nos Estados Unidos e na Colômbia, entre outros países. **Reinaldo Nascimento realizou sua pesquisa de observação na Escola de Resiliência Horizonte Azul (SP).**

RENATA MEIRELLES é codiretora do longa-metragem *Território do Brincar*, entre outros filmes como *Terreiros do Brincar* e *Waapa*. Coordena o programa Território do Brincar, correalização com o Alana, e é idealizadora do projeto Bira – Brincadeiras Infantis da Região Amazônica. É autora dos livros *Giramundo – e Outros Brinquedos* e *Brincadeiras dos Meninos do Brasil* (2007) e *Cozinhando no Quintal* (2009), entre outros. **Renata Meirelles realizou sua pesquisa de observação no Brincretó (SP).**

LIA MATTOS é documentarista, produtora cultural, antropóloga e arte-educadora. Possui especialização em arte-educação, cultura brasileira e linguagens artísticas contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestrado em antropologia visual pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É codiretora de filmes como *Mitã* e *O Trampolim do Forte* e do projeto *Memórias do Futuro*. **Lia Mattos realizou sua pesquisa de observação na Associação Catarinense para Integração dos Cegos (Acic/SC).**

SANDRA ECKSCHMIDT é doutoranda em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena a Casa Amarela, escola de educação infantil fundamentada na Pedagogia Waldorf, e o curso de formação em Pedagogia Waldorf, em Florianópolis. Atua na área da infância, do brincar, e é autora dos livros *A Arte de Lembrar e Esquecer: Narrativas Autobiográficas de Professores sobre a Sua Infância* e *Ndiphilile: Eu Estou Viva!* e coautora de *A Bola* e *a Boneca*. **Sandra Eckschmidt realizou sua pesquisa de observação na Casa Amarela (SC).**

SORAIA CHUNG SAURA é professora de antropologia e lazer na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Graduada em filosofia, no mestrado e no doutorado investigou manifestações populares brasileiras. Atualmente orienta pesquisas nos programas de pós-graduação da Faculdade de Educação da USP (cultura, filosofia e história da educação) e da Escola de Educação Física e Esporte, da mesma universidade (estudos socioculturais do movimento humano). **Soraia Chung Saura realizou sua pesquisa de observação na Kyringue Tekoa Terra Indígena Jaraguá Pygua (SP).**



CAPÍTULO 1

IMPULSOS PARA UM CAMINHO DE OBSERVAÇÃO

O jeito de fazer pesquisa e registros audiovisuais do programa Território do Brincar tem sido, desde o começo, intuitivo e fluído por natureza. Há uma busca consciente por focar a beleza e potência¹ de brincadeiras espontâneas infantis e no que isso nos revela. O que não estava elucidado era um caminho de observação evidente, que desse conta do processo realizado até o momento. E este material faz parte da busca por abordar de forma consistente e processual a maneira de olhar do Território do Brincar.

Além de nos ajudar na construção de novas jornadas, ele é um convite a todos aqueles que desejam percorrer seu próprio caminho – a partir de experiências e realidades pessoais. O objetivo essencial é contribuir com novas possibilidades de olhar para quem deseja se aprofundar no fenômeno do brincar.

Percebemos que atualmente há um desconhecimento de muitos adultos daquilo que de fato as crianças fazem no seu dia a dia. E isso não acontece apenas nos centros urbanos. Mesmo nas zonas rurais e nas pequenas comunidades visitadas, ouvíamos lamentos de que as crianças não brincam mais e que só se interessam por tecnologias.

Parece-nos evidente que se trata também de conseguir olhar efetivamente para o que fazem as crianças, apesar das dificuldades que elas atualmente enfrentam contra o tempo e os espaços escassos, além de tantos outros obstáculos. Entendemos que lapidar o olhar para enxergar o que há de vivo no brincar ajuda a reconhecer as potencialidades infantis. E, assim, vai ficando mais nítido o que é preciso fazer, ou não fazer, para assumir verdadeiramente a força da espontaneidade, do tempo ocioso e da autonomia infantil no brincar.

Tínhamos assim uma dupla questão: como traduzir e explicar o caminho de observação em que vínhamos nos debruçando? E ainda: como acordar o olhar de adultos para enxergar o que está além do senso comum sobre as crianças?

Certo dia, Sandra Eckschmidt, parceira e conselheira do programa Território do Brincar, nos fez um convite: conhecer o que ela vinha estudando e praticando no Centro de Estudos

1 Entendemos aqui a potência como capacidade criativa e transformadora das coisas do mundo.





da Casa Amarela, em Florianópolis. Sandra entendia que nós já partilhávamos dos mesmos caminhos, mas não tínhamos consciência da existência desse trilhar: a fenomenologia de Goethe².

Embora Renata Meirelles, idealizadora do Território do Brincar ao lado de David Reeks, já tivesse entrado em contato com o estudo da fenomenologia, pesquisando autores como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Michel Maffesoli, a perspectiva fenomenológica trazida por Goethe surgiu como uma novidade.

A partir dos estudos sugeridos por Sandra, ficou evidente que esse caminho respondia aos nossos anseios de trazer consciência para a forma de observar do Território do Brincar. E, principalmente, seria a oportunidade de nos juntar a outras pessoas que aspiram pesquisar o fenômeno do brincar, preservando sua autonomia em observar a criança com base em sua própria experiência. Afinal, como diz Goethe: “Só o interesse de muitos, dirigido a um só ponto, é capaz de produzir algo excelente” (GOETHE, 2012, p. 57).

Assumindo quanto o coletivo reforça o potencial da percepção do fenômeno e, principalmente, revela a individualidade no trajeto percorrido, Sandra e Renata reuniram em 2018 outros seis pesquisadores – Beatriz, Elisa, Gabriel, Lia, Reinaldo e Soraia – que, então, iniciaram a jornada que aqui apresentamos. Durante um ano, cada um se dedicou a um local de observação – escolas públicas e privadas, uma instituição que atende crianças com deficiência visual, uma comunidade indígena urbana e um terreno aberto na periferia. Nos próximos capítulos você pode conhecer um pouco mais dessa experiência.

2 Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), além de um artista, foi um cientista e pensador. Ele desenvolveu um modo de observação que buscava compreender a força de criação dos fenômenos.





CAPÍTULO 2

RECONHECER O ENCONTRO

Apesar de unidos pelo compromisso e pelo interesse em observar o brincar, está na diversidade a grande potência desse grupo. Cada um realizou sua observação em seu campo de pesquisa, para que a partir de olhares múltiplos, de diferentes infâncias, em diferentes espaços, pudéssemos encontrar possíveis respostas para o que nos revela o brincar espontâneo.

A primeira escolha a ser feita pelos pesquisadores foi o campo de observação: qual local cada um gostaria de investigar? Logo de imediato fica evidente que o interesse por determinado campo de pesquisa está imbricado em diversos aspectos. Alguns de nós sentiram de pronto um chamado: retornar à escola onde cresceu e trabalhou, resgatar um sonho ou conhecer um lugar totalmente novo. Outros foram lançados a lugares completamente diferentes do planejado inicialmente.

“Minha vontade de trabalhar com pessoas cegas era um querer antigo, agora reacordado com a possibilidade de realizar esta investigação coletiva.

O convite para participar do grupo chegou com alegria e também um impasse...

Será que vai dar para fazer pesquisa com um bebê tão pequenininho?

Naquele dia Rosa, minha filha, tinha apenas 1 mês.

A vontade era grande.

Reacendeu o desejo de enxergar o mundo não visto.

Os mistérios da imaginação e do pensamento, a beleza dos gestos e dos sons.

Das descobertas.

Tudo isso crescia no meu querer, ainda mais observando uma criança recém-nascida em todos os segundos da minha vida naquele momento.

Criança que acabara de chegar do escuro.

De um lugar de onde ela só podia sentir...

Mistério do antes...

De certeza tínhamos apenas o afeto,
o cuidado, o som, o toque.



Confiança. Humildade.

Permissão.

Que susto ao chegar a um mundo com tanta luz.

Que beleza as descobertas que passou a ter a seguir...

Medo.

Encantamento.

Passei a imaginar...

E quem sai do escuro e permanece nele como seria?

Aumentava o meu querer.

O não ver chegou então próximo ao lugar do ver.

O meu não ver passou a ser desafiador.

Os outros olhos do corpo...

O bebezinho e as crianças cegas só me ensinando
o quanto podemos enxergar além da visão...

Querer observar o não ver me permitiu olhar mais
para dentro.

Aceitei.

Resolvi querer com todo o meu coração embarcar no
desafio,

em um momento muito especial da minha existência
neste plano.”

(Depoimento de Lia Mattos)

Descobrimos assim, um por um, que essa maneira de fazer observação requer estarmos implicados, comprometidos, curiosos e envolvidos. E, na pele do outro, a surpresa do encontro consigo mesmo...

“Tudo e tanto nas diversas populações indígenas lembra um pouco minha família, portanto é sempre motivo de emoções pungentes para mim:

noto como os cabelos são pretos, lisos e grossos como os meus.

Como a pele amarela rapidamente amorena ao sol.

Como os corpos têm poucos pelos, sem barbas.

A ataraxia facial e os longos silêncios orientais de



minha família estão presentes ali. As poucas e relevantes palavras.

Até a língua falada tem a mesma sonoridade habitual, o mesmo ritmo que tantas vezes me acalentou na infância, o tom das minhas tias e da minha mãe.

E as festas são também animadas!

De modo que é comovente reencontrar, em cada idoso indígena, um pouco dos meus avós.

Filha de imigrantes – de uma mãe coreana e de um pai descendente de trabalhadores espanhóis e italianos –, reconheço fazer parte de uma minoria étnica.

E foi assim que a atuação ativista guiou, intuitivamente, os meus passos.

Esta sou eu, estou entrando em campo, sentada em uma Opy,

onde dois caciques me recebem, solenes.”

(Depoimento de Soraia Chung Saura)

Desse modo, cada um de nós aprendeu a buscar, encontrar, aceitar e celebrar o seu local de atuação.

“E aí com o tempo eu fui percebendo que lugar não se acha, o lugar se constrói.”

(Depoimento de Gabriel Limaverde)

Pensa-se sempre na pesquisa de campo como uma “aventura” em direção ao outro, esteja esse outro em terras longínquas ou a menos de um quarteirão de distância. No caso de crianças brincando, as opções são muitas e variadas: no quintal, na praça, no nosso local de trabalho, nas ruas e em diferentes instituições.

Fato é que, longe ou perto, é sempre instigante observar o campo como um local de pesquisa. Lançamos novos e indagantes olhares aos que dele participam. Trata-se de ver com certo estranhamento o que nos é normal, cotidiano. Ou com normalidade aquilo que nos é muito diferente, estranho.

Para qualquer educador que esteja diariamente com

crianças, por exemplo, há sempre um campo de pesquisa disponível. Mas é preciso um estado de presença para conseguir ver, rever, refletir, compreender e intuir.







CAPÍTULO 3

PASSOS...



O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Trecho do Poema "O Meu Olhar É Nítido como um Girassol", em *O Guardador de Rebanhos – Poemas de Alberto Caeiro*, de Fernando Pessoa

O caminho de observação que percorremos não é uma escolha aleatória, inventada aqui e agora, possui uma fundamentação filosófica e metodológica que está de acordo com as nossas afinidades de fazer pesquisa: a fenomenologia. Ela tem como premissa a apreensão do fenômeno, voltar às coisas mesmas, olhar para as essências. Existem diversos autores que se orientam por essa perspectiva fenomenológica – Goethe, Husserl, Heidegger, Bachelard, Merleau Ponty –, cada qual com suas particularidades.

Nós, do grupo, escolhemos percorrer a fenomenologia de Goethe, poeta, dramaturgo – como é tradicionalmente conhecido – e também cientista¹. Sua trajetória foi marcada por ter se rebelado contra métodos analíticos; unindo ciência e arte, ele se aprofundou na observação do mundo para compreender sua contínua transformação.

¹ Seu trabalho científico engloba os campos da anatomia, da ótica, da geologia e da mineralogia, entre outros. Para ele, mais importante do que os resultados é a sua maneira de pensar, de perguntar e de observar os fenômenos.

“Como perspectiva epistemológica, a fenomenologia de Goethe não redundou em unilateralidades do empirismo e do racionalismo. Em sua relação com a natureza, ela é uma empiria delicada que busca desenvolver um juízo intuitivo, um poder que capta a essência do fenômeno.”

(BACH, 2013, p. 140)

Nesse processo de observação, também chamado de empiria delicada, Goethe nos possibilita percorrer, passo a passo, um caminho de aproximação do brincar livre, com um olhar renovado, aberto e sem preconceitos.

Atualmente esse olhar processual é utilizado em diversas áreas do conhecimento. No campo da educação², ele nos ajuda a ver o brincar da criança a partir dela mesma e não a partir de teorias sobre ela.

Os nomes utilizados nos passos indicados na fenomenologia de Goethe podem se diferenciar de autor para autor. Nosso grupo de pesquisadores optou pela materialidade e pela qualidade dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo³. A sensorialidade e o simbolismo de cada elemento trazem imagens que nos guiam na observação sem fixar esse procedimento em um roteiro estanque.

Aos poucos, o grupo foi introduzido nesse caminho. Começamos pelo Passo Terra, apoiados na firmeza, na sustentação e na confiança que só a terra pode dar em uma caminhada desconhecida. Quem nos acompanha nesse primeiro passo, principalmente, são os sentidos que vão nos descrevendo o espaço físico da brincadeira.

2 Especificamente no campo da Pedagogia Waldorf – abordagem baseada na filosofia da educação elaborada por Rudolf Steiner –, a fenomenologia de Goethe é o procedimento

3 Nomenclatura referenciada pelo médico fenomenólogo Ricardo Ghelman no seu texto: “Fenomenologia de Goethe Aplicada”, disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Attila/1s2018/leituras/aula_2/Fenomenologia_Goethe.pdf

“Aqui neste piso, há muitos troncos fincados. Troncos robustos. Alguns permanecem com suas cores naturais, outros foram pintados de laranja, vermelho. Suas alturas são bem diferentes. Os menores medem 40 centímetros e os maiores chegam a 1,80. A metade está na sombra e a outra metade brilha por causa do sol ali refletido.”

(Relato de observação de Reinaldo Nascimento, Escola de Resiliência Horizonte Azul – SP)

O exercício proposto é uma descrição que não restrinja a observação a conceitos prontos que nos impedem de olhar. Reinaldo poderia apresentar o espaço dizendo: “aquele brinquedo de troncos do pátio da escola”. Porém a sua descrição procura o frescor de olhar como se fosse a primeira vez. Todas as percepções sensoriais são convidadas na observação do espaço. Cores, medidas e texturas fazem parte dessa primeira fase, que descobre um universo de detalhes que passam despercebidos quando nomeamos o fenômeno. Assim, algo que nos parecia tão familiar, como descrever o simples espaço do brincar das crianças, se torna desafiador.

A descrição nos convida de forma sensível e delicada a olhar de novo o conhecido brinquedo do pátio de uma escola, ou o árido barranco de terra de um parque, mas também os espaços que nos rodeiam, ruas, calçadas, casas, escolas, hospitais. Que espaços são esses? Onde as crianças estão? São espaços em que elas brincam?

Como por vontade própria, a observação flui de um contexto espacial para o temporal. Assim, o próximo passo, mais que um procedimento metodológico, surge como um pedido para o observador. O movimento, com sua fluidez, que envolve, escorrega, agora chama nossa atenção e seguimos para o Passo Água. Essa qualidade que se move no tempo é expressa nas brincadeiras, tanto pelas narrativas gestuais quanto pelas orais. Os processos ultrapassam a concretude e a estrutura da descrição espacial, indo em direção à fluidez e à flexibilidade das narrativas.



“Vamos subir ali naquela laje?”, sugere uma criança olhando para o resto que sobrou da demolição de uma casa. Em poucos minutos elas encontraram uma estrutura de madeira e improvisaram uma escada. Para alguns, as pernas não alcançavam os distantes degraus. Empurraram daqui e dali e lá estavam olhando a caixa d’água da casa da tia, a banca de frutas do avô na rua, o varal do vizinho. E para descer? A escada tinha um ângulo ruim para a descida. Um dos meninos sentou-se à beira da laje, virou o corpo de costas, segurou firme nos tijolos desnivelados e foi descendo lentamente o tronco com as pernas suspensas no ar. Sustentado só pelas mãos, faltava meio metro para os pés alcançarem o chão. Soltou as mãos e atingiu o solo sem problema. Outros dois olhavam atentamente: ‘Vai você!’, disse um para o outro. ‘Por que eu? Vai você primeiro, ora!’. E lá foi ele tentar fazer o mesmo. Pela cautela e lentidão de seus gestos, era visível o medo. Zeloso, respirava a cada movimento, arranhava a barriga mais do que o necessário. Até que soltou as mãos e saiu aos gritos: ‘Consegui! Consegui!’”.

(Relato de observação de Renata Meirelles,
espaço Brincreto – SP)

O espaço continua sendo fundamental na observação, mas é o movimento das narrativas gestuais e orais da brincadeira que pede pela qualidade temporal, desenvolvendo um enredo que perpassa o tempo. O espaço estrutura e a temporalidade faz corpo e voz movimentarem histórias. Virar, segurar, descer, saltar, cautela, lentidão: os detalhes da descrição não têm a intenção de recortar o fenômeno, e sim intensificar, sensibilizar e atentar para partes que compõem o todo.

Observar espaço e tempo do brincar espontâneo pode ser um universo infinito. O exercício traz a cada nova observação mais e mais aspectos que nos mostram o quanto ver é muito mais do que os olhos nos dão. O pesquisador nesse processo de empiria delicada deixa suas hipóteses e verdades pedagógicas para se encantar com cada detalhe da criança que brinca.

Da mesma forma que a observação processual do Passo Água veio complementar a qualidade espacial do Passo Terra, a continuidade das considerações nos levou a um olhar mais sutil, às vezes invisível aos olhos. Uma das pesquisadoras, Lia, lidou com a questão do não ver com os olhos desde o começo da sua pesquisa. O seu grupo era uma associação dedicada a crianças com deficiência visual (Acic). E assim ela nos provocava a cada encontro com suas reflexões: “Querer observar o não ver me permitiu olhar mais para dentro, com todos os olhos possíveis, de dentro e de fora”. Nessa nova etapa da observação do sutil, do invisível, quem nos guiou foi a qualidade do elemento ar.

Depois de meses fazendo observações minuciosas, algumas evidências vão se mostrando, às vezes através de gestos, escolhas, espaços, tempos. Conseguimos identificar o que se repete notando gestos e expressões no brincar que, então, nos dão um sentido de não pertencer apenas ao mundo externo, mas também ao nosso mundo interno. A observação nos leva a “ver” relações. Essas relações estão permeadas de uma linguagem mais poética, imaginativa, como no caso do pesquisador Gabriel, após passar dias investigando em uma escola em São Paulo crianças que brincavam no tanque de areia e na casinha do pátio:

“As crianças estão dispersas, cada uma no seu canto, como os pequenos grãos de areia seca. Então, apertam-se na casinha, tal qual areia na panela. Banham-se com suas palavras de delícia, de passo dado, de construção feita e começam a tomar a forma daquele coletivo na casinha. Terra e água sustentam formas; gente e palavra sustentam vínculos.”

(Relato de observação de Gabriel Limaverde,
EMEI Gabriel Prestes – SP)

A última frase do pesquisador: “Terra e água sustentam formas; gente e palavra sustentam vínculos” surge, a princípio, de uma “relação invisível”, porque ela não é dada de imediato, não se “enxerga” com uma observação rápida, é necessária uma profundidade, uma entrega; e, após tanto tempo com um olhar cri-



terioso para o brincar, o pesquisador consegue alcançar a nova fase, chamada Passo Ar.

As relações como as encontradas por Gabriel vão se evidenciando e o que era invisível se mostra nitidamente. Esse é um momento muito prazeroso porque, além da alegria da descoberta, há o exercício da construção de uma reflexão de forma autônoma, chegando a singelas, mas fundamentais, descobertas do universo do brincar. É importante que o Passo Ar seja feito em grupo, para que todos possam acompanhar o caminho de observação do pesquisador e reconhecer as relações elaboradas.

O hábito do pensamento mais mecânico, conceitual, pronto, vai dando espaço a um olhar mais fluido, processual, holístico. O surgimento desse olhar carrega a força da criação, pretendendo a cada novo passo queimar o velho para deixar surgir o novo. E aqui sem pedir licença o Passo Fogo se mostra com toda sua força.

A fenomenologia de Goethe, ao mesmo tempo que intensifica a percepção sensorial, se caracteriza como uma possibilidade de autodesenvolvimento para o pesquisador/educador, na medida em que constrói um processo de conscientização e elaboração reflexiva mais autônoma.

O caminho de pesquisa se mescla com o caminho de vida. E o tema do brincar livre se alarga, transborda os limites de objetivos pedagógicos ou teorias desenvolvimentistas para se expressar como possibilidade de criação humana.

E, assim, um caminho de observação, entre tantos, compartilhamos.

[Este capítulo foi escrito por Sandra Eckschmidt e faz parte de seu doutoramento pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).]



CAPÍTULO 4

VER O PROCESSO VIVO...





A fenomenologia requer certo encanto pelo fenômeno ou, para não irmos tão longe, um interesse genuíno – algo que me chama a atenção e eu me predisponho a observar, com um olhar vivo, estimulado e aguçado pelo meu interesse particular. Portanto, não se trata apenas de ver, mas de observar com toda a nossa corporalidade. O que nos dizem também, a partir dessa atenção, a escuta, o olfato, o tato? Desse modo, olhar para um fenômeno inclui “todos os olhos do corpo”.

Você já parou para pensar que o fato de algo nos chamar a atenção é um convite para a observação? Podemos não saber exatamente por que certo detalhe nos afeta, mas é nele que o processo se inicia. E, sem precisar explicar, é importante confiar que aquela determinada ação, que chamou o olhar, é o início do diálogo entre você e o fenômeno.

Esse olhar vivo e interessado convida, sobretudo, a presença integral, a abertura para as coisas do mundo, a disponibilidade. Requer também treino, insistência, prudência. Repetição, todo dia um pouco mais desse exercício, para que o fenômeno em dado momento se deixe ver para além do que se mostra de relance, para que ele se revele e não que o revelemos. Buscamos o que ele é, não uma impressão só minha, mas o que nos atravessa a todos.

Aos poucos, na constância da prática, somos levados a um local de assombro, por percebermos no nosso cotidiano o que antes não era apreendido.

“Assim, de início, eu me propus a um exercício: observar um pé de berinjela que crescia em casa, seguindo as diretrizes de observação profunda a nós apresentadas. Três pezinhos desenvolviam-se no meu quintal. Escolhi um deles para observar por 10 ou 15 minutos diários. Inicialmente por uma observação minuciosa dos detalhes espaciais da planta, depois o desenrolar das suas mudanças no transcorrer do tempo. Percebi folhas ave-ludadas, espalmadas, potentes. Um tronco robusto, com galhos generosos, cobertos por uma penugem de bicho. Espantei-me por nunca haver notado tamanha riqueza de detalhes. Dia após dia, tantas coisas novas! Estava ali

em funcionamento diário todo um sistema nunca antes por mim notado. O meu pé de planta estava forte, com folhas mais largas. Percebi também que usava o pronome 'meu'. Numa manhã, encontrei um botão. Enquanto os outros pés aparentemente não se desenvolveram tanto, o 'meu' pé de berinjela floresceu, com a flor mais bela daqueles tempos. Foi tocante e intrigante."

(Relato de observação de Soraia Saura, Kyringue Tekoa
Terra Indígena Jaraguá Pygwa – SP)

Ver de forma viva e ativa significa, sobretudo, abrir-se para perceber. Para ver o que antes não se via, mas que está ali. O conhecimento – de qualquer espécie – pode ser nomeado, compartilhado, analisado. Já o saber ao qual nos referimos e para o qual olhamos ainda não está apresentado sob a forma de palavra ou discurso. Por isso é importante, além de olhar e perceber, realizar o exercício de descrever, buscando-se recursos e palavras no fenômeno em si mesmo.

"Afastou-se da parede. Três grandes passos para trás. Levantou os braços, inspirou bem profundo. Olhos fixos na parede. Levantou o pé esquerdo e partiu. Fincou as duas mãos no chão. Elevou as pernas para o alto e, depois de uma parábola, as pernas encontraram as paredes. Abriu bem as pernas e formou um triângulo. O cansaço a venceu e ela desceu bem devagar, quase perdendo o equilíbrio. Eu a segurei no final da caída. Sua companheira, Isadora, toda animada com o sucesso da amiga, sugeriu que fizessem o mesmo, mas ao mesmo tempo. As duas se posicionaram. Passo para trás e elas partiram. Um, dois, três passos. Mãos no chão, pernas da Isadora na parede. Stela tentou uma, duas, três vezes e na quarta tentativa chegou com os pés na parede. Isadora a esperou com paciência. Elas decidiram de cabeça para baixo que fariam mais uma vez: 'Agora vai dar certo, tio!'"

(Relato de observação de Reinaldo Nascimento, Escola de Resiliência Horizonte Azul – SP)



A descrição revela que se trata de uma forma de olhar, interrogar e investigar o mundo do que propriamente de uma metodologia de pesquisa. As descrições e os desenhos, dois recursos importantes para esses exercícios, nos obrigam a olhar as coisas do mundo com atenção e minúcia antes de conceituá-las. Buscamos cercar e inquirir os elementos imprescindíveis e essenciais que compõem os fenômenos. Sem distanciamentos, sem intentar explicá-los *a priori*, sem adjetivá-los nas nossas descrições e palavras, mas, antes e sobretudo, perscrutando-os em seus detalhes.

A abordagem fenomenológica enfatiza tal olhar e percepção individual, mas busca neles o que seria verdadeiro para todo ser humano. No entanto, isso só pode ser alcançado com empenho. O empenho e o esforço de olhar, descrever, olhar novamente, perceber.

"Olhar para o brincar com uma perspectiva fenomenológica não é algo que está dado, temos de decidir construir. Acho que essa é a grande diferença entre as pessoas que escrevem sobre as coisas que observaram e as pessoas que leem o que outros escreveram. Nesse processo percebi que podemos construir o nosso próprio olhar."

(Depoimento de Gabriel Limaverde)

Aos poucos, revela-se assim um "algo a mais". Percebe-se que cada um dos fenômenos traz em si, além das coisas do mundo, um meio cósmico e devaneante invisível aos olhos, mas próprio do universo intuitivo. Seguimos esse lampejo. Teremos um momento *eureka*, ainda que seja pequeno. Uma intuição sobre qual caminho seguir ou um entendimento/aprendizado sobre o fenômeno. Sentida no corpo. A transcendência é uma palavra associada à fenomenologia, não por acaso.

"O corpo humano é a principal fonte, lugar e centro de percepção e expressão, seja ela física ou transcendental."

(Esiaba Irobi [1960-2010],
escritor e pesquisador nigeriano)



Além das intuições e lampejos, é importante notar que o fenômeno nunca é um objeto isolado, mas uma relação, ou seja, uma correlação. Um diálogo.

Portanto, falamos de um projeto de pesquisa que nunca se encerra, pois que nos convida a permanentemente olhar e indagar o mundo, tendo como base a dimensão da presença. Todas as investigações, embora partam da experiência individual, realizam, sobretudo, um exercício ético na medida em que as descrições, as reflexões e as análises caminham em direção ao outro e ao que oferecemos ao mundo. Também estético, pois que esse saber sensível, processado na experiência e no corpo vivido, indica estarmos atentos ao que existe no fenômeno e no que o circunda. Nós nos dirigimos ao fascínio das coisas. E, quando achamos que observamos o suficiente para ter uma percepção do que vemos, compreendemos que a natureza ou a vida mesma estão em mudança constante.







CAPÍTULO 5

O CAMINHAR...



Quando estamos à frente de um grupo de crianças, uma quantidade enorme de coisas está acontecendo ao mesmo tempo. O que é mais relevante a ser observado? Impossível distinguir isso. Todos os gestos e expressões são dignos de nos contar sobre um mundo que não se percebe sem uma observação ativa. Tudo é relevante e valioso no espaço do brincar.

“Otto faz uma aproximação cuidadosa, com passos zelosos sobre a superfície molhada, de quem quer manter as meias secas dentro do Crocs. Ele foca uma das poças, de contorno arredondado e de maior profundidade que se pode encontrar ali. Caminha cauteloso, sem espirrar água, até outra concavidade também profunda, onde agacha e, com uma pequena panela, reúne água dessa e de outras poças.”

(Relato de observação de Elisa Hornett, Unidade de Educação Infantil do Colégio Viver)

Estar diante da criança em um estado de profunda atenção e presença, para conseguir ver o que de fato se mostra à sua frente, talvez seja o elemento mais desafiador desse caminho. Ver o que está acontecendo concretamente, não o que penso que as crianças estão fazendo, criando, desejando, concluindo. Ver com a ação dos sentidos sem pensamentos carregados de conceitos, julgamentos e preâmbulos.

Quanto mais confiamos no conceito, menos acreditamos naquilo que se apresenta ao nosso olhar. Uma goiabeira, por exemplo, é muito mais completa em detalhes, formas e texturas do que a palavra *goiabeira* pode alcançar. E como é difícil só observar e não explicar! Como somos propensos a dizer “sobre” o que vimos, sem antes dizer “o que” vimos. E esse é talvez um dos maiores exercícios de persistência a que podemos nos propor para que se possa desaprender o velho jeito de projetar nosso olhar sobre o mundo.

“Parece que temos de desaprender tanta coisa para se colocar no lugar desse olhar cuidadoso e detalhado. E as crianças fazem isso naturalmente.”

(Depoimento de Elisa Hornett)

“Em vez de dizer ‘ele está correndo para pegar o outro’, posso prestar atenção nos movimentos da perna, do corpo e do braço, na envergadura [...] Essa foi a parte mais fascinante... Como descrever brincadeiras que eu conheço, e inclusive brinquei por muito tempo, e, de repente, tentar usar palavras que antes eu não teria usado?”

(Depoimento de Reinaldo Nascimento)

Dividir com o grupo os registros de observação é como emprestar as percepções do outro para conseguir enxergar melhor o brincar. Cada relato, cada dúvida, cada conquista compartilhada amplia uma consciência no observar e vamos, assim, reconhecendo que estamos reaprendendo essa árdua tarefa de olhar, e não adicionando uma nova maneira de ver.

Entendemos no grupo de pesquisadores a necessidade de adotar um caderno para reunir as anotações do que tinha acontecido nos dias de observação. Elas nos ajudavam a criar um ritmo no enxergar ativamente e registrar os detalhes mais refinados e aqueles outros que, de tão naturalizados, poderiam passar despercebidos.

Os desenhos e a forma de comunicar o observado tornaram-se cúmplices de um jeito de ver e de traduzir o vivido. A cada encontro do nosso coletivo, ficava nítido o apego pelas folhas que se preenchiam dia a dia e nos ajudavam a explorar os meandros de uma percepção ativa.

Registrar em foto ou vídeo é sempre outra experiência, pois, ao mesmo tempo que as imagens renovam o olhar, podem obstruir o vínculo com o vivido. A câmera não deve interromper o estado de presença e, nesse caso, seria importante que outra pessoa realizasse a tarefa.

Rever várias vezes uma cena, até se transportar de volta ao lugar, é também uma oportunidade de perceber novas nuances e detalhes, que no contato direto com a criança não são despercebidos. Quando esse registro é frequente e a câmera consegue focar os gestos e expressões infantis, podemos aprender a ler, ainda melhor, o que não está visível e nos aproximar das narrativas construídas pelas crianças.

Quanto mais nos predispomos a ver do mesmo, mais há para ser visto. Mais podemos nos conectar com as relações ali existentes e ganhamos mais autonomia sobre o que estamos vendo.

“Às vezes parecia que o David [documentarista David Reeks] tinha tirado a imagem de dentro da minha cabeça, porque traduzia tudo aquilo que estava nos meus textos. E, assim, aconteceu como um amálgama, uma coisa que mistura com outra e vira uma terceira. Mas tenho certeza que se eu não tivesse passado por esse processo de observação, se eu não tivesse construído esse vínculo com o lugar, as imagens do David teriam sido completamente diferentes.”

(Depoimento de Gabriel Limaverde)

Observação após observação, descrevendo e desenhando, semanalmente presente no mesmo local, vão surgindo evidências que nos mostram certos temas. Nesse momento esses temas se tornam uma conquista que não significa um resultado, mas uma maneira de enxergar. E por isso uma nova consciência surge.

“Carregaram potes, pás e enxadas para um esconderijo subterrâneo, resto de um lavabo semidemolido, na busca de montes de terra. O único propósito era ‘achar terra boa’, como disseram. As crianças se dividiram entre as tarefas de arrancar placas do chão com as enxadas e pás e de encher os potes e erguê-los pelo estreito e escorregadio vão de saída desse buraco. ‘Temos muito trabalho por aqui!’, gritou um, enquanto o outro olhava do lado de fora. Carregar pedras, subir no barranco, escavar pedregulhos, perfurar o chão, separar cascalhos da terra fina... Semana após semana, o brincar no Brincretto se mostrava uma labuta corporal intensa sem, necessariamente, precisar chegar a um produto específico. Percebia-se o empenho no processo. E isso era o brincar.”

(Relato de observação de Renata Meirelles,
espaço Brincretto – SP)



Interesse e disciplina, passo a passo nos aprofundamos na observação fenomenológica do brincar espontâneo. Do registro mais concreto e minucioso seguimos para o fluxo das narrativas gestuais e orais e, como na luz de um relâmpago em uma noite escura, cada pesquisador fez descobertas e relações antes não vistas, não percebidas. Estavam adormecidas em um olhar cotidiano, apressado para as delicadezas da vida.

A observação tinha um foco, a criança e sua expressão espontânea. Quanto mais mergulhávamos no outro, mais fundo percebíamos a nós mesmos. Esse processo, que unia o dentro e o fora, foi nos dando a possibilidade de transformação. E assim uma fogueira era a celebração necessária.

Para Heráclito, filósofo pré-socrático, o fogo é o elemento que explica o mundo. O fogo é devir, transformando-se a cada instante. Como o ser humano, como a vida mesma. Tivemos um percurso investigativo, que acaba por expandir-se para além do campo de pesquisa *per se*. Adentra-se em outras camadas e esferas da vida, de forma irreversível. Já não há um “fora” de nós. Somos também o que vemos e vivemos. Aprendemos com essas crianças sobre a vida. Estamos imbricados e implicados nesta relação, neste diálogo.

Hoje sabemos que não podemos dizer de um método, mas desta trilha, deste caminho que nos pede coragem, abertura e disponibilidade. Um caminho feito de empenho, persistência, crença e movimento. Um caminho que pressupõe caminhar junto.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BACH, J. **Fenomenologia de Goethe e Educação: a filosofia da educação de Steiner**. Curitiba: Lohengrin, 2013.

BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BORTOFT, H. **The Wholeness of Nature: Goethe's way toward a Science of Conscious Participation in nature**. Massachusetts: Lindisfarne Books, 1996.

_____. **Taking Appearance Seriously: the dynamic way of seeing in Goethe an European thought**. Edinburgh: Floris Books, 2014.

GHELMAN, R. **Fenomenologia de Goethe aplicada**. In: MIKLÓS, A. A. W. (org.) *A Dissociação entre Homem e Natureza: reflexos do desenvolvimento humano*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2001.
Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Atila/1s2018/leituras/aula_2/Fenomenologia_Goethe.pdf

GOETHE, J. W. **Ensaio Científico: uma metodologia para o estudo da natureza**. São Paulo: Barany Editora, 2012.

HOLDREDGE, C. **Praticando a Ciência Goetheana**. Disponível em: <http://www.natureinstitute.org/txt/ch/Praticando.pdf>

KAPLAN, A. **Artistas do Invisível**. São Paulo: Editora Peirópolis Ltda., 2005.

LYOTARD, J. F. **A Fenomenologia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

MEIRELLES, R.; ECKSCHMIDT, S.; SAURA, S. C.; **Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento**. In: Marin, E. C.; Gomes da Silva, P. N. (org.). *Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar*. Editora CRV: Curitiba, 2016, vol. 16. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Olhares-por-dentro-do-Brincar-e-Jogar-Meirelles-Eckschmidt-Saura.pdf>

MEIRELLES, R. **Território do Brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Alana, 2015. Disponível em: https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf

PIORSKI, G. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo, Peirópolis, 2016.

SAURA, S. C.; ECKSCHMIDT, S. **Observar o brincar espontâneo de um menino, ou o que aprendi com os Guarani Mbya**. In: Willms, E. E.; Beccari, M.; Almeida, R. (org.). *Diálogos entre arte, cultura & educação*. São Paulo: FEUSP, 2019, p. 500-524. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/362>

STEINER, R. **Arte e Estética Segundo Goethe: Goethe como inaugurador de uma estética nova**. São Paulo, Antroposófica, 2012.

_____. **O Método Cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goetheana**. São Paulo, Antroposófica, 2004.



ALANA

PRESIDENTE

Ana Lucia Villela

VICE-PRESIDENTES

Alfredo Villela Filho e
Marcos Nisti

CEO

Marcos Nisti

DIRETORA DE GESTÃO DE PESSOAS E RECURSOS

Lilian Okada

DIRETORAS-EXECUTIVAS

Carolina Pasquali
Isabella Henriques

DIRETORA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Erika Pisaneschi

TERRITÓRIO DO BRINCAR

COORDENADORAS
Renata Meirelles
Thaís Chita

COMUNICADORA

Maria Clara Matos

ESTAGIÁRIO

Arthur Roman

MATERIAL DE APOIO MIRADAS

CONCEPÇÃO

Beatriz Olival
Elisa Hornett
Gabriel Limaverde
Lia Mattos
Reinaldo Nascimento
Renata Meirelles
Sandra Eckschmidt
Soraia Chung Saura

REDAÇÃO

Elisa Hornett
Renata Meirelles
Sandra Eckschmidt
Soraia Chung Saura

EDIÇÃO DE TEXTO

Maria Clara Matos

REVISÃO

Polyana Lima

IDENTIDADE VISUAL

Daniel Araújo

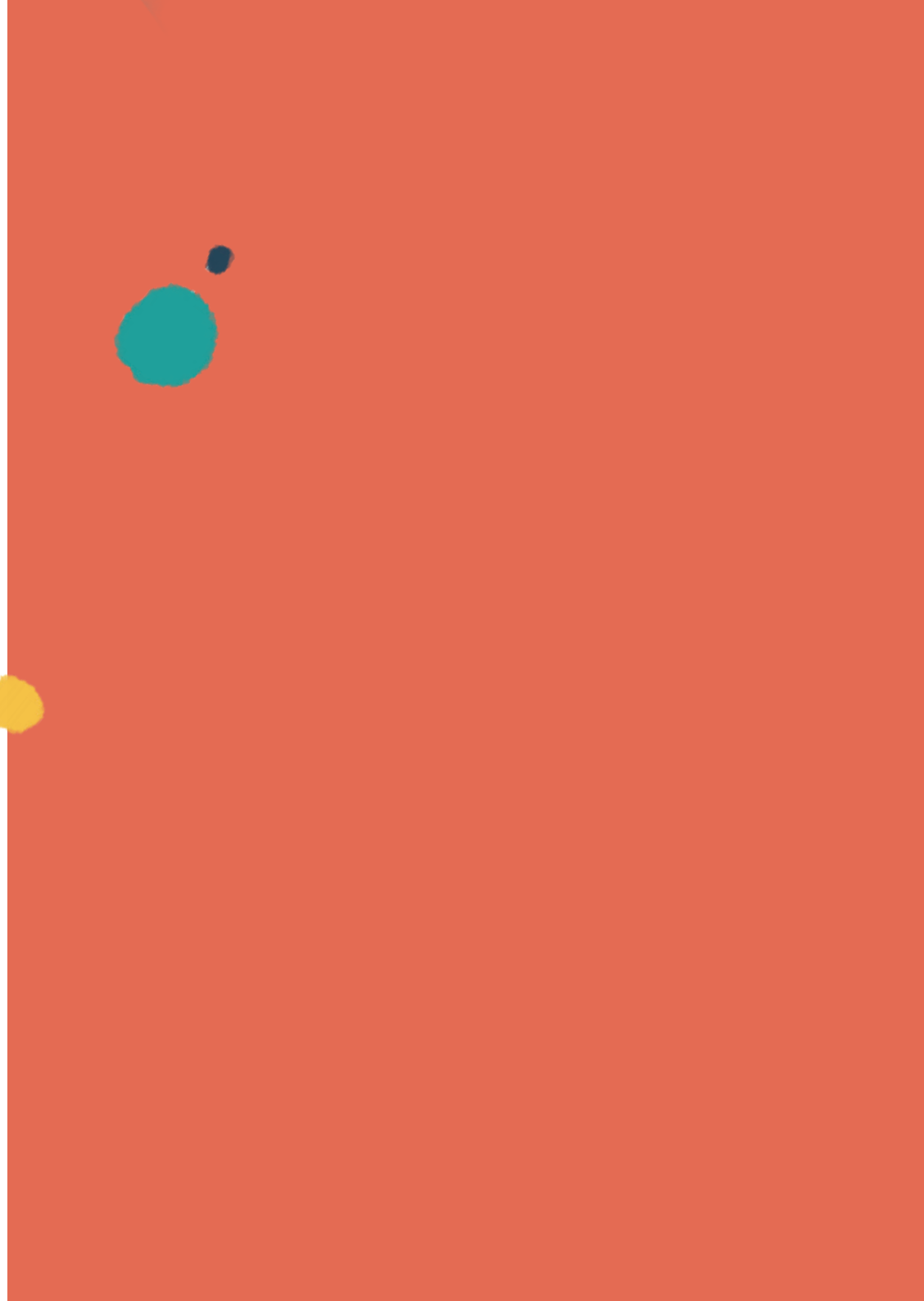
PROJETO GRÁFICO E

DIAGRAMAÇÃO

Estúdio Lumine

FOTOS

Todas as imagens
reproduzidas neste material
são frames do filme
Miradas, com direção de
fotografia de David Reeks.



alana



TERRITÓRIO
DO
BRINCAR